

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Carolina Cruz Costa

**O IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA
AUTOEFICÁCIA DOS PROFESSORES
ESTAGIÁRIOS FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

VOLUME 1

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Exercício e Saúde em
Populações Especiais orientada pela Professora Doutora Maria
João Carvalheiro Campos e pela Professora Doutora Elsa Silva
apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação
Física**

Setembro de 2022

CAROLINA CRUZ COSTA

**O IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA AUTOEFICÁCIA DOS
PROFESSORES ESTAGIÁRIOS FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre
em Exercício e Saúde em Populações Especiais**

**Orientadoras:
Professora Doutora Maria João Campos
Professora Doutora Elsa Silva**

**COIMBRA
2022**

COSTA, CAROLINA C. (2022). *O IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA AUTOEFICÁCIA DOS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

*“Nunca esperei nada na vida.
Por isso tenho tudo.”
José Saramago*

*“O que dá o verdadeiro
sentido ao encontro é a
busca, e é preciso andar
muito para se alcançar o que
está perto.”
José Saramago*

Agradecimentos

Às professoras doutoras Maria João Campos e Elsa Silva, as orientadoras deste projeto, agradeço por terem aceitado, pela partilha de conhecimentos, pela paciência, pela disponibilidade e pelo carinho com que me trataram.

À Carolina, à Maria João e à Sofia por terem sido as melhores companheiras, colegas e amigas que podia ter recebido quando entrei neste mestrado, e pelos dois anos de entreaajuda, partilha e desabafos.

À Tânia, Teresa, Traquina, Diogo, Tiago, Castanheiro, Adrián, Mariana, Pereirinha, Dimas, Bernardo, João, Neuza e Ana Fernandes por independentemente de a distância física estarem sempre ao meu lado durante o meu percurso académico.

Ao meu avô Manuel e em especial à avó Encarnação por quererem ver este dia acontecer mais do que eu.

Ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã, ao João e ao resto da enorme família por aturarem as minhas reclamações e devaneios, por protegerem as minhas costas, e por me levantarem a cada queda, são sem dúvida a minha rede de suporte e sem vocês hoje não estava aqui.

Ao Beny, por infelizmente me ensinares que o amanhã nem sempre chega e que temos de viver tudo ao máximo enquanto cá estamos, esta é para ti.

Abreviaturas

DI- Deficiência Intelectual

DF- Deficiência Física

DV- Deficiência Visual

DP- Desvio Padrão

EF- Educação Física

FCDEC-UC- Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra

M- Média

P- Valor de Significância

Resumo

A autoeficácia é, segundo Bandura (1982), a crença ou confiança que cada indivíduo terá na capacidade para completar uma determinada tarefa ou resolver um problema, assim a autoeficácia torna-se um dos indicadores mais importantes no estudo das atitudes de futuros professores de Educação Física no contexto inclusivo pois ajuda-nos a compreender os seus sentimentos, crenças e motivações relativamente à inclusão de alunos com deficiência. Neste contexto, o presente estudo pretende analisar as diferenças na Autoeficácia dos Estagiários de Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra face à Inclusão de alunos com deficiência, avaliadas em 2 momentos diferentes: início e no final do ano letivo.

Para a recolha de dados foi utilizada a *Escala de Autoeficácia na Educação Física Inclusiva* (EAE-EFI), validada por Campos et al (2022) sendo esta a versão portuguesa do questionário *Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children With Disabilities* (SE-PETE-D) (Block et al., 2013).

Participaram 60 estudantes do 2º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário, 44 (73.3%) do sexo masculino e 16 (26.7%) do sexo feminino. As idades estão compreendidas entre os 21 e os 46 anos (M= 24.55 anos; DP=4.30).

Verificam-se diferenças significativas na perceção de autoeficácia para o sexo masculino e para a deficiência visual, concluindo que o estágio pedagógico tem um papel relevante na alteração da perceção de eficácia dos professores estagiários.

Palavras-Chave: Autoeficácia; Alunos Estagiários; Educação Física; Deficiência Intelectual; Deficiência Visual; Deficiência Física.

Abstract

Self-efficacy is, according to Bandura (1982), the belief or confidence that each individual will have in the ability to complete a certain task or solve a problem. Physics in an inclusive context as it helps us to understand their feelings, beliefs and motivations regarding the inclusion of students with disabilities. In this context, the present study intends to analyze the differences in the Self-Efficacy of the Interns of the Master's Degree in Physical Education Teaching in the Basic and Secondary Cycles of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education of the University of Coimbra in relation to the inclusion of students with disabilities, evaluated in 2 different times: beginning and end of the school year.

For data collection, the Self-Efficacy Scale in Inclusive Physical Education (EAE-EFI) was used, validated by Campos et al (2022) and this is the Portuguese version of the Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children With Disabilities questionnaire. (SE-PETE-D) (Block et al., 2013).

60 students from the 2nd Year of the Master's in Teaching Physical Education in the Basic and Secondary Cycles participated, 44 (73.3%) male and 16 (26.7%) female. The ages are between 21 and 46 years old ($M= 24.55$ years; $SD=4.30$).

There are significant differences in the perception of self-efficacy for males and for the visually impaired, concluding that the pedagogical internship has a relevant role in changing the perception of effectiveness of trainee teachers.

Key words: Self-efficacy; Pre-service Teachers; Physical Education; Intellectual Disability; Visual impairment; Physical Disability

ÍNDICE

Agradecimentos	V
Abreviaturas	VII
Resumo	VIII
Abstract	IX
Índice de Tabelas	XI
Parte I- Introdução	1
Introdução	2
Preâmbulo:	2
Pertinência do Estudo:	2
Definição dos Objetivos:.....	2
Estrutura da Tese.....	3
Bibliografia	11
Parte II- Artigo científico	14
Resumo	16
Abstract	17
Introdução	18
Metodologia	19
Participantes:.....	19
Instrumento de Medida:	19
Procedimentos:.....	20
Análise estatística:	20
Resultados	21
Discussão	26
Conclusões	28
Bibliografia.....	29

Índice de Tabelas

Parte I

Tabela 1.....	5-8
---------------	-----

Parte II

Tabela 1.....	21
---------------	----

Tabela 2.....	22
---------------	----

Tabela 3.....	23
---------------	----

Tabela 4.....	23
---------------	----

Tabela 5.....	24
---------------	----

Tabela 6.....	25
---------------	----

Tabela 7	26
----------------	----

Parte I- Introdução

Introdução

Preâmbulo:

O presente documento surge no âmbito da realização da dissertação do Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O interesse sobre a temática apresentada surge após a realização do primeiro ano do presente mestrado, especificamente após a realização de um trabalho no âmbito da unidade curricular Atitudes Face à Deficiência em Contextos de Atividade Física Adaptada.

Pertinência do Estudo:

O presente estudo irá focar-se nos estudantes do estágio pedagógico uma vez que serão eles os futuros profissionais da Educação Física no nosso país. Ao desenvolver um estudo que pretende averiguar alterações na perceção da autoeficácia nos alunos, na sua última etapa de formação, antes de iniciarem a sua prática profissional podemos perceber quais as dificuldades sentidas e posteriormente vir a considerá-las na formação inicial dos futuros estudantes estagiários.

Definição dos Objetivos:

O presente estudo pretende analisar as diferenças na Autoeficácia dos Estagiários de Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário da FCDEF face à Inclusão de Alunos com deficiência, avaliadas em 2 momentos diferentes: início e no final do ano letivo.

Objetivos Gerais:

- Averiguar a autoeficácia em função das 3 deficiências;
- Averiguar se há diferenças em função da variável sexo;
- Averiguar se há diferenças em função da variável qualidade da experiência;
- Averiguar há diferenças em função da variável qualidade da competência.

Estrutura da Tese

A tese será desenvolvida de acordo com o “Modelo Escandinavo”, organizada em duas partes, a primeira, a introdução, será composta pelo preâmbulo, apresentação geral do problema, pertinência do estudo, objetivos, estrutura da tese e revisão da literatura. Por sua vez a segunda parte será apresentada em forma de artigo científico, escrito de acordo com as orientações e diretrizes recomendadas pelas normas de publicação.

Revisão da Literatura

De acordo com a UNICEF quase 240 milhões de crianças até aos 14 anos que possuem uma deficiência. Apesar do processo de exclusão se estar a tornar num processo de inclusão, este é lento e demorado e as crianças com deficiência são ainda um dos grupos mais marginalizados e excluídos, no entanto, a inclusão de alunos com deficiência no sistema educativo deveria ser a norma e não uma exceção (Organização das Nações Unidas, 2015). Por seu lado, a educação para o desenvolvimento sustentável abrange uma ampla gama de objetivos para garantir que os professores ajudam os alunos a entender as mudanças repentinas no mundo e a necessidade de fazerem parte dele (Reina, *et al.*, 2019), deste modo, a necessidade de educação para a inclusão tem vindo a ser um tópico bastante abordado e que cada vez mais faz parte do mundo em que vivemos atualmente.

Afirma-se que a escola em Portugal é inclusiva, e ao longo dos últimos anos têm vindo a ser feitas alterações legais e curriculares, e prova de que estas estão a ser aplicadas é que no ano letivo 2017/2018, 98,9% das crianças com deficiência se encontravam matriculadas em escolas regulares (Direção Geral de Estatísticas da Educação e da Ciência). Apesar de atualmente ser considerada uma regulamentação avançada, a formação contínua ocorre de forma incipiente e é uma das causas para o sentimento de insegurança docente no contexto inclusivo, sobretudo nas aulas de Educação Física (Campos *et al.*, 2015).

O desenvolvimento de atividades e atitudes positivas face à inclusão pelos docentes está diretamente relacionado com a percepção de autoeficácia de cada professor. Segundo Bandura (1982), a crença ou confiança que cada indivíduo terá na capacidade para completar uma determinada tarefa ou resolver um problema define-se por autoeficácia. A autoeficácia docente é um componente essencial no processo de ensino e aprendizagem, especificamente quando considerados níveis adequados de autoconfiança e motivação para a promoção de estratégias de ensino diferenciadas em contexto de sala de aula (Bandura, 1993).

Os artigos presentes na revisão da literatura foram recolhidos através de várias bases de dados, utilizando palavras-chave (educação física; atitudes; autoeficácia; alunos estagiários) e posteriormente foram selecionados de acordo com os objetivos do estudo. Assim, procedeu-se à análise dos artigos que são apresentados na tabela 1.

Tabela 1- Esquema da Revisão da Literatura

Estudo	Objetivo	Amostra	Variáveis	Resultados
Larrivé, & Cook, (1975)	Avaliar as variáveis que afetam as atitudes de um professor	941 Professores de 250 escolas de New England escolhidas aleatoriamente	-Perceção dos professores de sucesso de alunos com NEE.	- Quanto maior o nível de escolaridade menor a atitude de integração por parte do professor; - A perceção do grau de sucesso, nível de apoio administrativo e disponibilidade de serviços têm um impacto significativo sobre a atitude do professor.
Akihiro, et. al (2020)	Comparar as atitudes dos professores em formação em relação à educação inclusiva na Tailândia e Japão	109 e 221 professores estagiários da Universidade de Mahasarakham na Tailândia e na Universidade Gigu no Japão (respetivamente)	- Alunos japoneses têm estágio em educação especial no terceiro ano de formação dos 4 que é constituído o curso. -Alunos tailandeses fazem formações extra após a colocação e a realização de 5 anos de curso.	-Os conceitos básicos e ideologias do EI foram similarmente e amplamente aceites em ambos os países. No entanto, no estágio tailandês os professores estavam preocupados com um impacto mais negativo do EI nos alunos em geral em comparação com os professores japoneses. Professores estagiários tailandêses eram mais propensos a perceber que a educação em escolas especiais tinha um impacto negativo para os alunos com deficiência e que o EI tinha um impacto positivo nos alunos com deficiência.
Carvalho, (2011)	Verificar se o contacto com a deficiência (a nível da experiência no ensino, formação inicial e contacto na infância/juventude), por parte dos professores, influencia as suas	672 professores do ensino regular no ativo de norte a sul do país e do nível pré-escolar ao ensino secundário.	- Experiência no ensino de alunos com deficiência; -Formação inicial com disciplinas que levaram ao contacto com pessoas com deficiência; -Contacto com pessoas com deficiência durante a infância/juventude; -Atitude dos professores em relação à formação necessária para	- A experiência no ensino de alunos com deficiência influencia significativamente a atitude dos professores face à formação necessária; -No que se refere ao contacto com pessoas com deficiência durante a formação inicial, concluiu-se que existem diferenças significativas na atitude dos professores face às vantagens da inclusão para os alunos com deficiência; -Relativamente ao contacto com pessoas com deficiência durante a infância/juventude conclui-se

	atitudes em relação à formação necessária para a inclusão de alunos com deficiência, bem como às vantagens que esta representa para esses mesmos alunos.		a inclusão de alunos com deficiência (Motora, Auditiva, Visual e Mental); - Atitude dos professores em relação às vantagens da inclusão para os alunos com deficiência (Motora, Auditiva, Visual e Mental).	que não existem diferenças na atitude dos professores em relação à formação necessária.
Monteiro (2011)	Analisar o papel do professor na construção da escola inclusiva	27 professores de Educação Especial e 28 professores do Ensino Regular.	-Atitude e representação positiva dos professores face à escola inclusiva. Operacionalização: Estratégias de intervenção usadas pelos professores para concretizar a inclusão de alunos com NEE. -A inclusão de alunos com NEE. Operacionalização: Escalas de tempo. -Atitude e representação negativa dos professores face à escola inclusiva. Operacionalização: Estratégias de intervenção usadas pelos professores para concretizar a inclusão de alunos com NEE. -A inclusão de alunos com NEE. Operacionalização: Escalas de tempo.	- Ambos os grupos de estudo consideram que os alunos com NEE apresentam melhores resultados quando recebem apoio dentro de sala de aula, contudo consideram que a presença destes alunos numa aula prejudica os alunos do ensino regular. -Todos consideram ser fundamental a criação de um plano individual para os alunos com NEE e que este deve ser implementado com a colaboração de ambos os grupos.

Reina. et al., 2019	Aplicar um programa de treino em educação física adaptada comparando os resultados dos professores de educação física das zonas insulares e peninsulares de Espanha.	142 professores da zona peninsular (74 M, 65 F) e 142 da zona insular (69 M, 73 F).	-Pré-Programa de Intervenção; -Pós-Programa de Intervenção.	-O grupo insular demonstrou melhores resultados em comparação com o grupo peninsular; -Em todos os critérios houve uma melhoria significativa no grupo peninsular comparando os momentos pré e pós programa de intervenção.
Morais, et al., 2019	Analisar a autoeficácia de Licenciados em Educação Física e aferir o impacto de um programa formativo nos seus níveis de percepção da Competência e da Qualidade da Experiência.	29 alunos licenciados em Educação Física em processo de formação no curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário	- Percepção da Qualidade da Experiência; - Percepção de Competência.	- Em relação à percepção de competência os valores eram substancialmente mais baixos antes da ação formativa. -Observou-se que para a percepção de qualidade da experiência os níveis após a formação se revelam mais elevados. -Para todas as variáveis em estudo verificou-se que a implementação do <i>workshop</i> melhorou em valores médios a percepção dos alunos.
Haegele et. Al, 2018	Analisar as atitudes professores de educação física em relação à inclusão e ensino de alunos com deficiência no	90 professores brasileiros escolhidos aleatoriamente dos presentes no workshop.	- Pré workshop - Pós workshop	-Em relação às atitudes dos professores brasileiros de educação física em relação à inclusão não houve diferenças significativas no segundo momento em comparação com o primeiro. - Quanto às atitudes dos professores brasileiros de educação física em relação ao ensino de alunos com

	Brasil antes e depois da participação num workshop.			deficiência melhorar após o workshop também não se verificou, apesar de independentemente da fase da carreira em que estes se encontravam estes aceitavam alunos com deficiência nas suas aulas. -Apesar de não haver diferenças significativas, a grande maioria dos professores assumiu ter a necessidade de mais formação especializada.
Alhumaid, et. al,2020	Determinar as diferenças nos níveis de autoeficácia para a inclusão em aulas de educação física, entre professores sauditas.	260 professores estagiários.	-Atitudes face a autoeficácia de incluir alunos com deficiência intelectual, deficiência física, deficiência visual.	<ul style="list-style-type: none"> - Os professores apresentaram maiores níveis de autoeficácia para a inclusão de alunos com deficiência intelectual, e menores valores para alunos com deficiência física. - Em relação ao impacto na autoeficácia de cada professor estagiário os resultados mostraram que a nível da deficiência intelectual e da deficiência visual teve mais impacto para os professores estagiários observar um professor a dar uma aula; quanto à deficiência física houve um maior impacto no facto de terem um amigo com deficiência.

Após se proceder à análise em detalhe dos artigos apresentados acima pôde constatar-se que, enquanto Carvalho (2011) constatou que o contacto com pessoas com deficiência na juventude não influenciava as atitudes face à autoeficácia. Alhumaid, et. al, 2020 verificou que em relação à deficiência física este contacto de amizade com alguém com deficiência tinha maior impacto, apesar de obterem este resultado diferente acaba por também surgir em comum o facto de que os professores / professores estagiários ao terem contacto e experiência durante o período de formação têm maiores níveis de autoeficácia para a inclusão de alunos com deficiência.

Por sua vez Larrivé e Cook, (1975) constataram que quanto maior o nível de escolaridade dos professores menor era a atitude para a integração dos alunos, observaram também que os serviços que eram disponibilizados aos professores tinham um impacto significativo sob a atitude destes.

Akihiro Nishio et. al, compararam as atitudes de professores estagiários da Tailândia e do Japão, sendo que a maior diferença no percurso académico destes era que enquanto os alunos japoneses têm formação de ensino inclusivo durante o seu percurso académico os professores tailandeses apenas têm formações neste âmbito no final do curso. Observou-se que os alunos tailandeses tinham maior receio de um impacto negativo do ensino inclusivo nas crianças no geral, mas acabaram por perceber que a separação de crianças com deficiência das crianças sem deficiência tinha um impacto negativo nas crianças com deficiência e a inclusão de alunos com deficiência nas aulas normais tinha um impacto positivo nas crianças sem deficiência.

Monteiro (2011) observou o papel que os professores tinham no ensino de alunos com deficiência, e apesar de a maioria conseguir reconhecer que os alunos com deficiência obtinham melhores resultados quando integrados numa turma de ensino regular consideravam que a integração destes prejudicava os alunos sem deficiência presentes nas aulas.

Haegle et. Al, (2018) e Reina et al., (2019) aplicaram um programa de intervenção, no caso de Haegle et. Al, (2018) tratou-se de um workshop de dois dias e os participantes seriam os mesmos nos dois momentos de intervenção, por sua vez Reina. et al., (2019)

aplicou um programa de treino em educação física adaptada em dois grupos de regiões diferentes de Espanha (peninsular e insular).

Morais, et al., 2019, realizou também uma avaliação em dois momentos tendo realizado uma ação formativa. Posteriormente analisou os valores da perceção da competência e da perceção da qualidade onde se observou que estes eram mais baixos no primeiro momento, para as restantes variáveis em estudo observou-se também que a realização da ação melhorou os valores médios da perceção da autoeficácia dos alunos.

A inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular implica mudanças ao nível das atitudes e das práticas pedagógicas de todos os intervenientes (Silva, 2009), assim como para os docentes em processo de formação inicial, nomeadamente os estudantes estagiários em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário que, terão de eventualmente alterar processos e metodologias quando confrontados com a presença de um aluno com deficiência na aula de educação física no decorrer do estágio.

Bibliografia

- Alhumaid, M. M., Khoo, S., & Bastos, T. (2020). Self-efficacy of pre-service physical education teachers toward inclusion in Saudi Arabia. *Sustainability (Switzerland)*, 12(9), 1–13. <https://doi.org/10.3390/su12093898>
- Burkett, B. (2013). Coaching athletes with a disability. *Routledge Handbook of Sports Coaching*, 196–209. <https://doi.org/10.4324/9780203132623>
- Campos, M. J., Ferreira, J., Morais, M., & Rodrigues, G. (2022). Validação da versão Portuguesa da self-efficacy scale for physical education teacher education major toward children with disabilities. *Retos*, 45, 558-565. <https://doi.org/10.47197/retos.v45i0.91868>
- Carvalho, M. (2011). *As Atitudes Dos Professores Face À Inclusão De Alunos Com Deficiência – O Contacto Com a Deficiência*. 82. Seminário/ Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física no curso de Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- da Silva, M. O. E. (2009). Da exclusão à inclusão: Concepções e práticas. *Revista Lusofona de Educacao*, 13, 135–153.
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e da Ciência (2018). Necessidades Especiais de Educação 2017/2018. <https://www.dgeec.mec.pt/np4/224/>
- Izzaty, R. E., Astuti, B., & Cholimah, N. (1967). *Angewandte Chemie International Edition*, 6(11), 951–952., 5–24.
- Kozub, F. M., & Lienert, C. (2003). Attitudes toward teaching children with disabilities: Review of literature and research paradigm. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20(4), 323–346. <https://doi.org/10.1123/apaq.20.4.323>

- Larrivee, B., & Cook, L. (1979). Mainstreaming: A Study of the Variables Affecting Teacher Attitude. *Journal of Special Education*, 13(3), 315–324. <https://doi.org/10.1177/002246697901300310>
- Lindsay, S., & Edwards, A. (2013). A systematic review of disability awareness interventions for children and youth. *Disability and Rehabilitation*, 35(8), 623–646. <https://doi.org/10.3109/09638288.2012.702850>
- McNeil, S., Lante, K., & Pill, S. (2017). A review of the literature on inclusive pedagogy in physical education 2005-2015. *Learning Communities: International Journal of Learning in Social Contexts*, 21, 74–94. <https://doi.org/10.18793/lcj2017.21.07>
- Monteiro, S. M. da S. (2011). *A Atitude dos Professores como Meio de Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. 1–95.
- Nishio, A., Chano, J., Suzuki, Y., & Iketani, N. (2020). Comparing Pre-Service Teachers' Attitudes toward Inclusive Education in Thailand and Japan. *Creative Education*, 11(10), 2096–2105. <https://doi.org/10.4236/ce.2020.1110152>
- Pedro De Moraes, M., Campos, M.J., & Rodrigues, G. M. (2019). Formação Contínua De Professores De Educação Física Face À Perspectiva Inclusiva: Impacto Nas Percepções De Competência E Qualidade Da Experiência. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, 20(2), 153–160.
- Reina, R., Hemmelmayr, I., & Sierra-Marroquín, B. (2016). Self-efficacy of Physical Education teachers toward inclusion of students with disabilities and regarding their previous training and experiences. *Psychology, Society and Education*, 8(2), 93–103. <https://doi.org/10.25115/psye.v8i2.455>
- Reina, R., Santana, A., Montesdeoca, R., & Roldan, A. (2019). Improving self-efficacy towards inclusion in in-service physical education teachers: A comparison between insular and peninsular regions in Spain. *Sustainability (Switzerland)*, 11(20), 1–10.

<https://doi.org/10.3390/su11205824>

Selickaitė, D., Hutzler, Y., Pukėnas, K., Block, M. E., & Rėklaitienė, D. (2019). The Analysis of the Structure, Validity, and Reliability of an Inclusive Physical Education Self-Efficacy Instrument for Lithuanian Physical Education Teachers. *SAGE Open*, 9(2), 215824401985247. <https://doi.org/10.1177/2158244019852473>

Tindall, D., Culhane, M., & Foley, J. (2016). Pre-service teachers' self-efficacy towards children with disabilities: An Irish perspective. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 9(1), 27–39. <https://doi.org/10.5507/euj.2016.003>

Parte II- Artigo científico

O IMPACTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA AUTOEFICÁCIA DOS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS FACE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Resumo

A autoeficácia é, segundo Bandura (1982), a crença ou confiança que cada indivíduo terá na capacidade para completar uma determinada tarefa ou resolver um problema, tornando-se assim um dos indicadores mais importantes no estudo das atitudes de futuros professores de Educação Física no contexto inclusivo. Neste sentido, o presente estudo pretende analisar as diferenças na Autoeficácia dos Estagiários de Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário da FCDEF face à Inclusão de Alunos com deficiência, avaliadas em 2 momentos diferentes: início e no final do ano letivo. Para a recolha de dados foi utilizada a *Escala de Autoeficácia na Educação Física Inclusiva* (EAE-EFI), validada por Campos et al (2022) sendo esta a versão portuguesa do questionário *Self-Efficacy Scale for Physical Education TEacher Education Majors towards Children With Disabilities* (SE-PETE-D) (Block et al., 2013).

Participaram 60 estudantes do 2º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário, sendo 44 (73.3%) do sexo masculino e 16 (26.7%) do sexo feminino. As idades estão compreendidas entre os 21 e os 46 anos (M= 24.55 anos; DP=4.30).

As idades estão compreendidas entre os 21 e os 46 anos (M= 24.55 anos; DP=4.30).

Verificam-se diferenças significativas na perceção de autoeficácia para o sexo masculino e para a deficiência visual, concluindo que o estágio pedagógico tem um papel relevante na alteração da perceção de eficácia dos professores estagiários.

Palavras-Chave: Autoeficácia; Professores estagiários; Educação Física; Deficiência Intelectual; Deficiência Visual; Deficiência Física.

Abstract

Self-efficacy is, according to Bandura (1982), the belief or confidence that each individual will have in the ability to complete a certain task or solve a problem. Physics in an inclusive context as it helps us to understand their feelings, beliefs and motivations regarding the inclusion of students with disabilities. In this context, the present study intends to analyze the differences in the Self-Efficacy of the Interns of the Master's Degree in Physical Education Teaching in the Basic and Secondary Cycles of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education of the University of Coimbra in relation to the inclusion of students with disabilities, evaluated in 2 different times: beginning and end of the school year.

For data collection, the Self-Efficacy Scale in Inclusive Physical Education (EAE-EFI) was used, validated by Campos et al (2022) and this is the Portuguese version of the Self-Efficacy Scale for Physical Education Teacher Education Majors towards Children With Disabilities questionnaire. (SE-PETE-D) (Block et al., 2013).

60 students from the 2nd Year of the Master's in Teaching Physical Education in the Basic and Secondary Cycles participated, 44 (73.3%) male and 16 (26.7%) female. The ages are between 21 and 46 years old ($M= 24.55$ years; $SD=4.30$).

There are significant differences in the perception of self-efficacy for males and for the visually impaired, concluding that the pedagogical internship has a relevant role in changing the perception of effectiveness of trainee teachers.

Key words: Self-efficacy; Future Teachers; Physical Education; Intellectual Disability; Visual impairment; Physical Disability.

Introdução

A Declaração de Salamanca (1994) proclamou que todas as crianças com deficiência tenham direito ao ensino regular. Este deve ser capaz de incluir, todos os estudantes conseguindo satisfazer as suas necessidades específicas e promovendo a aprendizagem. Apesar do amplo consenso sobre a importância da inclusão das crianças com deficiência na educação, estima-se que atualmente 49% das crianças com deficiência nunca tenha frequentado a escola (UNICEF,2021).

Afirma-se que a escola em Portugal é inclusiva, e ao longo dos últimos anos têm vindo a ser feitas alterações legais e curriculares. Apesar de atualmente ser considerada uma regulamentação avançada, a formação contínua ocorre de forma incipiente e é uma das causas para o sentimento de insegurança docente no contexto inclusivo, sobretudo nas aulas de Educação Física (Campos *et al.*,2015). O desenvolvimento de atitudes positivas face à inclusão pelos docentes está diretamente relacionado com a perceção de autoeficácia de cada professor.

A autoeficácia docente é um componente essencial no processo de ensino e aprendizagem, especificamente quando considerados níveis adequados de autoconfiança e motivação para a promoção de estratégias de ensino diferenciadas em contexto de sala de aula (Bandura, 1993).

A inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular implica mudanças ao nível das atitudes e das práticas pedagógicas de todos os intervenientes (Silva,2009), assim como para os docentes em processo de formação inicial, nomeadamente os professores estagiários em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário que, terão de eventualmente alterar processos e metodologias quando confrontados com a presença de um aluno com deficiência na aula de educação física no decorrer do estágio.

Apesar de existirem diversos estudos relativos à perceção da autoeficácia de professores de educação física, podemos observar que existe um número reduzido de estudos face a futuros professores. Ao analisarmos esta informação podemos ter uma noção mais detalhada das necessidades que apresentam, no último ano do seu percurso académico e após adquirirem os conhecimentos teóricos necessários ao ensino de aulas de educação física a alunos com deficiência. Assim, o presente estudo pretende analisar as diferenças na Autoeficácia dos Estagiários de Mestrado de Ensino de Educação Física nos

Ciclos Básico e Secundário da FCDEF-UC face à Inclusão de Alunos com deficiência, avaliadas em 2 momentos diferentes: início e no final do ano letivo. Como objetivos específicos pretendeu-se averiguar se as variáveis sexo, percepção de competência e da qualidade da experiência docente, impacta na autoeficácia dos participantes.

Metodologia

Participantes:

A amostra é composta por 60 estudantes do 2º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário, sendo 44 (73.3%) do sexo masculino e 16 (26.7%) do sexo feminino, com as idades compreendidas entre os 21 e os 46 anos (M= 24.55 anos; DP=4.30).

No que diz respeito a anos de experiência em lecionação, 95% tem 2 ou menos anos de experiência. Em média cada aluno frequentou 1,88 unidade curricular na área do ensino inclusivo (DP=0.70), e 16 (26.7%) alunos não tiveram aulas práticas no contexto dessas unidades curriculares.

Instrumento de Medida:

Para a recolha de dados foi utilizada a *Escala de Autoeficácia na Educação Física Inclusiva* (EAE-EFI), validada por Campos et al (2022) sendo esta a versão portuguesa do questionário *Self-Efficacy Scale for Physical Education TEacher Education Majors towards Children With Disabilities* (SE-PETE-D) (Block et al., 2013).

Esta escala foi concebida para inquirir a autoconfiança de professores de educação física ou dos estudantes em formação em lecionar aulas onde consigam garantir a inclusão de alunos com deficiência (intelectual, física e visual), com segurança e com sucesso.

A escala inicia com uma introdução do objetivo e com uma descrição breve.

É composta por 25 itens distribuídos da seguinte forma:

- 6 itens para alunos com deficiência intelectual;

Ex: *“Que confiança tem na sua competência/ capacidade para instruir os colegas a ajudar o João durante os testes de condição física?”*

- 10 itens para alunos com deficiência física;

Ex: *“Que confiança tem na sua competência/ capacidade para criar objetivos individuais para o Manuel?”*

- 9 itens para alunos com deficiência visual.

Ex: *“Que confiança tem na sua competência/ capacidade para modificar as instruções de forma a ajudar a Sofia quando ensina os skills desportivos?”*

São colocadas situações hipotéticas de estudantes com uma das deficiências presentes no inquérito, e são colocadas questões em relação a determinados objetivos onde os professores terão de responder o quão competentes se sentem em relação a cada uma delas utilizando uma escala de *Likert* com cinco níveis de 1 (sem confiança) a 5 (total confiança).

No final, são apresentadas algumas questões que pretendem recolher os dados sócio biográficos.

Procedimentos:

Os professores estagiários foram informados sobre a natureza do estudo, a razão da sua participação e da salvaguarda da privacidade através da confidencialidade dos questionários. Após o consentimento informado, os participantes foram submetidos ao primeiro momento de aplicação da escala, no início do ano letivo. Em maio, os participantes voltaram a preencher a escala.

Análise estatística:

Para o tratamento estatístico foi utilizado o software SPSS 27.0.

Foram utilizadas a estatística descritiva onde se calculou os valores da média, desvio padrão, e percentagem das variáveis a serem estudadas, e a estatística inferencial através do teste T amostras emparelhadas para se analisar se havia diferenças entre ambos os momentos.

Foi utilizado a letra A para representar o primeiro momento de preenchimento de inquéritos (início do estágio pedagógico) e a letra B, para representar o segundo momento (final do estágio pedagógico).

O nível de significância estabelecido para este estudo foi de 5% (P menor ou igual a 0.05).

Resultados

Na tabela 1 pretendeu-se comparar a qualidade da experiência em ambos os momentos.

Tabela 1- Análise descritiva da qualidade da experiência de ensino

	<i>Qualidade da Experiência A</i>		<i>Qualidade da Experiência B</i>	
	Nº de alunos	Percentagem	Nº de alunos	Percentagem
<i>Sem experiência</i>	29	48.3%	14	23.3%
<i>Nada positiva</i>	3	5%	7	11.7%
<i>Satisfatória</i>	26	43.3%	31	51.7%
<i>Muito positiva</i>	2	3.3%	8	13.3%
<i>Total</i>	60	100%	60	100%

Relativamente à qualidade da experiência de ensino de alunos com deficiência observou-se que do momento A para o momento B passou-se de 29 alunos (48.3%) para 14 alunos (23.3%) sem experiência.

Quanto a terem uma experiência muito positiva houve um aumento de 6 alunos do início do estágio para o final do estágio.

Tabela 2- Análise descritiva da qualidade da experiência.

N e % Experiência	<i>Masculino</i>				<i>Feminino</i>			
	Qualidade da Experiência A		Qualidade da Experiência B		Qualidade da Experiência A		Qualidade da Experiência B	
	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
<i>Sem experiência</i>	23	52.3%	13	29.5%	6	37%	1	6.3%
<i>Nada positiva</i>	2	4.5 %	5	11.4%	1	6.3%	2	12.5%
<i>Satisfatória</i>	19	43.2%	21	47.7%	7	43.8%	10	62.5%
<i>Muito positiva</i>	0	0 %	5	11.4%	2	12.5%	3	18.8%

Analisando a tabela 2 observou-se que a nível do sexo masculino no início do estágio 52.3% dos participantes não tinham tido qualquer experiência no ensino de alunos com deficiência e nenhum aluno considerava ter uma experiência muito positiva, já no momento B essa percentagem foi de 29.5%, uma diferença de 22.8% (N=10), e a percentagem de alunos com uma experiência muito positiva aumentou para 11.4% (N=5).

Em relação ao sexo feminino no momento A 37% (N=6) não tinham tido experiência de ensino e 12.5% (N=2) tinham tido uma experiência muito positiva, já no momento B apenas 6.3% (N=1) se manteve sem experiência no ensino de alunos com deficiência e 18.8% (N=3) consideravam ter tido uma experiência muito positiva.

Pretendeu-se também averiguar se havia diferenças na autopercepção da qualidade da competência de ensino de alunos com deficiência entre o início e o final do estágio pedagógico e em função do sexo.

Tabela 3- Análise da qualidade da competência

	<i>Qualidade da Competência A</i>		<i>Qualidade da Competência B</i>	
	N	Percentagem	N	Percentagem
<i>Nada competente</i>	14	23.3%	10	16.7%
<i>Com alguma competência</i>	42	70%	46	76%
<i>Muito competente</i>	4	6.7%	4	6.7%

Analisando a autopercepção da competência de ensino de alunos com deficiência podemos observar que em ambos os momentos de aplicação do questionário apenas 4 participantes se consideram muito competentes no ensino de alunos de educação física, a única diferença que se pôde observar foi de no final do estágio haver mais 4 alunos a considerarem-se com alguma competência (A=42 e B=46) e conseqüentemente a redução de 4 alunos que se qualificaram como “nada competente”.

Tabela 4- Análise descritiva da qualidade da competência em função do sexo

<i>N e % Experiência</i>	<i>Masculino</i>				<i>Feminino</i>			
	<i>Qualidade da Competência A</i>		<i>Qualidade da Competência B</i>		<i>Qualidade da Competência A</i>		<i>Qualidade da Competência B</i>	
	N	Percentagem	N	Percentagem	N	Percentagem	N	Percentagem
<i>Nada competente</i>	12	27.3%	9	20.5%	2	12.5%	1	6.3%
<i>Com alguma competência</i>	30	68.2%	32	72.7%	12	75%	14	87.5%
<i>Muito competente</i>	2	4.5 %	3	6.8%	2	12.5%	1	6.3%

Observando a qualidade da competência em função do sexo podemos observar que a nível do sexo masculino houve um aumento do número de participantes que se autopercecionaram com as duas subescalas mais elevadas (com alguma competência e muito competente), enquanto no sexo feminino houve uma redução de uma aluna da subescala “muito competente”, o que coloca 87.5% das alunas na subescala de “Com alguma competência”.

Pretendeu-se averiguar se havia diferenças na autoconfiança em função da deficiência apresentada.

Tabela 5- Análise inferencial da autoeficácia nas subescalas

<i>Subescala</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>P</i>
<i>Autoeficácia- DI A</i>	3.564	0.576	0.23
<i>Autoeficácia- DI B</i>	3.644	0.487	
<i>Autoeficácia- DF A</i>	3.575	0.576	0.05
<i>Autoeficácia- DF B</i>	3.718	0.548	
<i>Autoeficácia- DV</i>	3.424	0.671	0.06
<i>Autoeficácia- DV B</i>	3.585	0.605	

Verificam-se diferenças significativas na subescala da Deficiência Física, com aumento na autoeficácia dos participantes no final do estágio pedagógico.

Não tendo havido diferenças entre o sexo masculino e feminino, analisou-se a autoeficácia em função do sexo em ambos os momentos, como se pode observar na tabela 6.

Tabela 6- Análise inferencial da autoconfiança nas subescalas no sexo Masculino

<i>Subescala</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>P</i>
<i>Autoeficácia- DI A</i>	3.561	0.584	0.22
<i>Autoeficácia- DI B</i>	3.652	0.479	
<i>Autoeficácia- DF A</i>	3.525	0.608	0.06
<i>Autoeficácia- DF B</i>	3.7045	0.574	
<i>Autoeficácia- DV A</i>	3.391	0.717	0.05
<i>Autoeficácia- DV B</i>	3.601	0.613	

Nas subescalas de DI e DF não se observam diferenças significativas, contudo os valores das médias são mais altos no segundo momento nas duas subescalas.

Relativamente à subescala de DV há diferenças, verificando-se um aumento na autoeficácia dos participantes masculinos no final do estágio pedagógico.

Tabela 7- Análise inferencial da autoconfiança nas subescalas no sexo Feminino

<i>Subescala</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>P</i>
<i>Autoeficácia- DI A</i>	3.573	0.574	0.73
<i>Autoeficácia- DI B</i>	3.6250	0.522	
<i>Autoeficácia- DF A</i>	3.7125	0.466	0.60
<i>Autoeficácia- DF B</i>	3.756	0.483	
<i>Autoeficácia- DV A</i>	3.514	0.535	0.82
<i>Autoeficácia- DV B</i>	3.541	0.597	

Analisando as três subescalas, não se verificam diferenças para o sexo feminino.

Discussão

O presente estudo pretendeu averiguar em que medida o estágio pedagógico impacta na autopercepção de competência em lecionar as aulas de Educação física a alunos com deficiência. Uma vez que se trata do último ano de formação dos professores estagiários, ao avaliarmos os níveis de autoeficácia para as diferentes variáveis constatou-se que quanto à qualidade da experiência de ensino de alunos com deficiência que a percentagem de alunos que apresentavam a subescala de “nada competente reduziu de 23.3% (N=14) para 16,7% (N=10) no momento B, 76% (N=46) consideram-se apenas “com alguma competência” no final do estágio pedagógico, o que revela alguma falta de autoeficácia perante o ensino de alunos com deficiência.

Relativamente à auto percepção da competência de ensino há 4 participantes que se consideram muito competentes em ambos os momentos, houve 4 alunos que mudaram a sua percepção de “nada competente” para “com alguma competência” após o estágio, o que leva a concluir que ao terem tido mais contacto com alunos com deficiência se sentem mais seguros das suas capacidades de ensino.

Em relação à percepção da qualidade da experiência e da competência observou-se que os valores pós estágio eram mais elevados que no primeiro momento, o que se apresenta em conformidade com os resultados obtidos por Morais, et al, (2019).

Relativamente à autoconfiança em função da deficiência dos alunos apenas se observaram diferenças significativas na deficiência visual, sendo que os professores estagiários melhoraram a sua percepção de eficácia após a realização do estágio pedagógico. No entanto, no estudo de Alhumaid, et.al, (2020), os participantes revelaram melhores níveis de autoeficácia para alunos com deficiência intelectual.

Tindall, et. al (2016) observou que não havia diferenças significativas relativamente à autoconfiança para as diferentes condições de deficiência em ambos os géneros.

Comparando em função do sexo reparamos que apenas houve diferenças significativas em uma das subescalas (DV) e apenas no sexo masculino, observa-se também que apesar de em ambos os casos haver aumento das médias do momento B em comparação com o momento A este é mais elevado no sexo masculino em comparação com o sexo feminino

Tendo em conta os resultados, a autoeficácia dos professores estagiários melhorou no final do estágio pedagógico relativamente à subescala da deficiência visual. O impacto foi igualmente significativo para o sexo masculino, concluindo que o estágio pedagógico tem um papel relevante na alteração da percepção de eficácia dos professores estagiários.

Contudo, há que ter noção de algumas limitações que este estudo apresenta, o facto da amostra não estar equitativamente distribuída em ambos os sexos pode ser um fator que influencie os resultados, bem como o facto de a amostra ter apenas 60 participantes e serem todos do mesmo ano de Mestrado, e serem todos da mesma universidade.

Para estudos futuros deveria considerar-se em alargar o tamanho da amostra, considerar incluir mais anos de distribuição de questionários e abranger alunos estagiários de várias universidades ou até mesmo de vários países.

Conclusões

A escola cada vez mais tem um papel fundamental na inclusão de alunos com deficiência e na educação para a inclusão, cabendo aos professores manter-se a par das obrigações que estas mudanças assim requerem, e a escola possa passar a ser um direito de todos independentemente da sua condição.

A inclusão é diferente da integração e cabe, por sua vez, à escola, a tarefa de se ir moldando de acordo com as necessidades, quer seja através de mudanças nos planos curriculares ou no investimento de mais formações específicas dos professores.

O estágio pedagógico apresenta-se como um momento importante na formação dos futuros professores, uma vez que é o momento onde muitos têm o primeiro contacto com o ensino, e por sua vez o contacto com o ensino inclusivo.

Apesar de haver alguma literatura que tente compreender as perceções da autoeficácia de professores estagiários, há ainda um longo caminho a percorrer, sendo este estudo exploratório apenas mais um pequeno passo com o objetivo de ajudar a colmatar essa lacuna e tentar entender quais as necessidades que os alunos estagiários apresentam após o estágio pedagógico.

Tendo em conta os resultados obtidos, conclui-se que os participantes, após o estágio pedagógico, melhoraram significativamente as suas perceções de eficácia docente relativamente à inclusão de estudantes com deficiência física. Relativamente às diferenças entre professoras e professores, verificou-se um aumento na autoeficácia dos participantes masculinos no final do estágio pedagógico para a subescala da deficiência visual.

Bibliografia

- Alhumaid, M. M., Khoo, S., & Bastos, T. (2020). Self-efficacy of pre-service physical education teachers toward inclusion in Saudi Arabia. *Sustainability (Switzerland)*, 12(9), 1–13. <https://doi.org/10.3390/su12093898>
- Burkett, B. (2013). Coaching athletes with a disability. *Routledge Handbook of Sports Coaching*, 196–209. <https://doi.org/10.4324/9780203132623>
- Campos, M. J., Ferreira, J., Morais, M., & Rodrigues, G. (2022). Validação da versão Portuguesa da self-efficacy scale for physical education teacher education major toward children with disabilities. *Retos*, 45, 558-565. <https://doi.org/10.47197/retos.v45i0.91868>
- CAMPOS, M. J. et al. Exploring teachers' voices about inclusion in physical education: a qualitative analysis with young elementary and middle school teachers. *Innovative Teaching*, v. 4, Article 5, 2015.
- Carvalho, M. (2011). *As Atitudes Dos Professores Face À Inclusão De Alunos Com Deficiência – O Contacto Com a Deficiência*. 82. Seminário/ Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física no curso de Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- da Silva, M. O. E. (2009). Da exclusão à inclusão: Concepções e práticas. *Revista Lusofona de Educacao*, 13, 135–153.
- Izzaty, R. E., Astuti, B., & Cholimah, N. (1967). *Angewandte Chemie International Edition*, 6(11), 951–952., 5–24.
- Kozub, F. M., & Lienert, C. (2003). Attitudes toward teaching children with disabilities: Review of literature and research paradigm. *Adapted Physical Activity Quarterly*,

20(4), 323–346. <https://doi.org/10.1123/apaq.20.4.323>

Larrivee, B., & Cook, L. (1979). Mainstreaming: A Study of the Variables Affecting Teacher Attitude. *Journal of Special Education*, 13(3), 315–324. <https://doi.org/10.1177/002246697901300310>

Lindsay, S., & Edwards, A. (2013). A systematic review of disability awareness interventions for children and youth. *Disability and Rehabilitation*, 35(8), 623–646. <https://doi.org/10.3109/09638288.2012.702850>

McNeil, S., Lante, K., & Pill, S. (2017). A review of the literature on inclusive pedagogy in physical education 2005-2015. *Learning Communities: International Journal of Learning in Social Contexts*, 21, 74–94. <https://doi.org/10.18793/lci2017.21.07>

Monteiro, S. M. da S. (2011). *A Atitude dos Professores como Meio de Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. 1–95.

Nishio, A., Chano, J., Suzuki, Y., & Iketani, N. (2020). Comparing Pre-Service Teachers' Attitudes toward Inclusive Education in Thailand and Japan. *Creative Education*, 11(10), 2096–2105. <https://doi.org/10.4236/ce.2020.1110152>

Pedro De Morais, M., Campos, M. J., & Rodrigues, G. M. (2019). Formação Contínua De Professores De Educação Física Face À Perspectiva Inclusiva: Impacto Nas Percepções De Competência E Qualidade Da Experiência. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, 20(2), 153–160.

Reina, R., Hemmelmayr, I., & Sierra-Marroquín, B. (2016). Self-efficacy of Physical Education teachers toward inclusion of students with disabilities and regarding their previous training and experiences. *Psychology, Society and Education*, 8(2), 93–103. <https://doi.org/10.25115/psye.v8i2.455>

Reina, R., Santana, A., Montesdeoca, R., & Roldan, A. (2019). Improving self-efficacy towards inclusion in in-service physical education teachers: A comparison between insular and peninsular regions in Spain. *Sustainability (Switzerland)*, *11*(20), 1–10. <https://doi.org/10.3390/su11205824>

Selickaitė, D., Hutzler, Y., Pukėnas, K., Block, M. E., & Rėklaitienė, D. (2019). The Analysis of the Structure, Validity, and Reliability of an Inclusive Physical Education Self-Efficacy Instrument for Lithuanian Physical Education Teachers. *SAGE Open*, *9*(2), 215824401985247. <https://doi.org/10.1177/2158244019852473>

Tindall, D., Culhane, M., & Foley, J. (2016). Pre-service teachers' self-efficacy towards children with disabilities: An Irish perspective. *European Journal of Adapted Physical Activity*, *9*(1), 27–39. <https://doi.org/10.5507/euj.2016.003>

